

epidemiologia

ESTUDOS MOSTRAM QUE INFECÇÃO PELO HPV PODE ESTAR ALTERANDO O PERFIL DOS PACIENTES COM CÂNCER DE OROFARINGE

Mudança de rumo

Há dois anos, o ator americano Michael Douglas, que enfrentou um câncer de garganta, surpreendeu ao afirmar que a sua doença foi provocada por sexo oral. Em entrevista ao jornal britânico *The Guardian*, Douglas disse que seu câncer não foi causado por cigarro ou álcool, e sim por um vírus sexualmente transmissível, o HPV (sigla em inglês para papilomavírus humano).

Em 2014, o crescimento da incidência do câncer de orofaringe originado pelo HPV ganhou destaque em muitos eventos científicos. Antes, o vírus era associado prioritariamente ao câncer do colo do útero. Acredita-se que o fato de o brasileiro estar fumando menos (nos anos 1980, o tabagismo atingia 35% da população do País, e hoje a prevalência é inferior a 15%) venha mudando o perfil dos pacientes que são diagnosticados com tumores de boca.

O fenômeno observado é a diminuição do tabagismo como causa de câncer de orofaringe (amígdala, garganta e base da língua) e, por sua vez, o crescimento dos tumores nessa região diretamente relacionados com a infecção pelo HPV, principalmente o 16, um subtipo que é também muito frequente em tumores do colo do útero.

O pesquisador Luis Felipe Ribeiro Pinto, coordenador de Ensino do INCA, ressalta que existe um crescimento bastante rápido e significativo do número de tumores de orofaringe causados pelo HPV mundialmente. Esse aumento, por enquanto é bem mais expressivo nos países desenvolvidos: 80% nos Estados Unidos e 50% no Reino Unido, contra 8% no Brasil. “Não sabemos exatamente o

quê está provocando essa transição epidemiológica. Nos Estados Unidos, os estudos iniciais da pesquisadora Maura Gillison, a primeira a mostrar essa mudança, indicaram como causa o sexo oral, particularmente em pessoas com muitos parceiros. Mais recentemente, a questão da redução do tabagismo também foi sugerida”, conta.

O pesquisador usa uma imagem popular para explicar o aumento dos casos de câncer de orofaringe em portadores do HPV. “Imagine que existem pedras na praia, e a maré está alta. Ninguém vê as pedras. Quando a maré baixa, as pedras aparecem. Mas elas sempre estiveram lá. Os casos de câncer de orofaringe associados ao HPV são mais observados à medida que os originados pelo tabagismo diminuem. A boa notícia é que o prognóstico desses casos é melhor, e o tratamento também pode ser mais brando.”

Os casos de câncer de orofaringe associados ao HPV são mais observados à medida que os originados pelo tabagismo diminuem. A boa notícia é que o prognóstico desses casos é melhor, e o tratamento também pode ser mais brando”

LUIS FELIPE RIBEIRO PINTO, coordenador de Ensino do INCA

Durante o evento “Imersão em Oncologia Brasil-Itália 2014”, realizado em São Paulo, no final do ano passado, o oncologista italiano Paolo Bossi, da Fundação Instituto Nacional de Tumores (IRCCS), de Milão, propôs personalizar o tratamento dos tumores de orofaringe relacionados ao HPV. “O que Bossi sugere é que essa parcela de pacientes pode ser beneficiada por um desescalamento do tratamento, ou seja, ser submetida a terapias menos intensas e menos tóxicas, diminuindo as sequelas e efeitos colaterais”, esclarece Ribeiro Pinto.

INCIDÊNCIA DIFERENCIADA

Ribeiro Pinto explica que existem três perfis bem distintos de pacientes com cânceres de orofaringe: tabagistas e etilistas (o perfil clássico), tabagistas e HPV positivos e não tabagistas e HPV

PARTICULARIDADES

Em fevereiro de 2010, no Simpósio Multidisciplinar de Câncer de Cabeça e Pescoço, nos EUA, a oncologista Maura Gillison, professora da Universidade do Estado de Ohio, demonstrou que a proporção do câncer de células escamosas da orofaringe – que são mais comumente tumores HPV positivos – aumentou de 18%, em 1973, para 32%, em 2005.

Além disso, de acordo com a médica, estudos realizados nos Estados Unidos, Europa, Austrália e Dinamarca indicavam que a sobrevida em pacientes que desenvolveram câncer de boca associados ao HPV é mais de duas vezes maior do que naqueles que tiveram a doença em decorrência do uso de tabaco e do álcool.

Ainda segundo a especialista, se uma pessoa tivesse 40 anos entre 2000 e 2005, o risco de ter câncer relacionado ao HPV seria maior do que alguém que estivesse na mesma faixa etária em 1970. As mudanças sociais que ocorreram depois de 1935 – por exemplo, a redução no número de fumantes – são consistentes com o aumento da proporção de câncer de orofaringe HPV-relacionado.

positivos. A sobrevida é pior no primeiro grupo, é média no grupo do meio e melhor no último.

Para a cirurgiã bucomaxilofacial Raquel Richelieu, do Centro Universitário de Controle do Câncer (CUCC) da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, há um “boom” de HPV. Esse vírus, segundo ela, atinge uma camada tão grande da população quanto o do herpes. “Hoje existem tecnologias bem

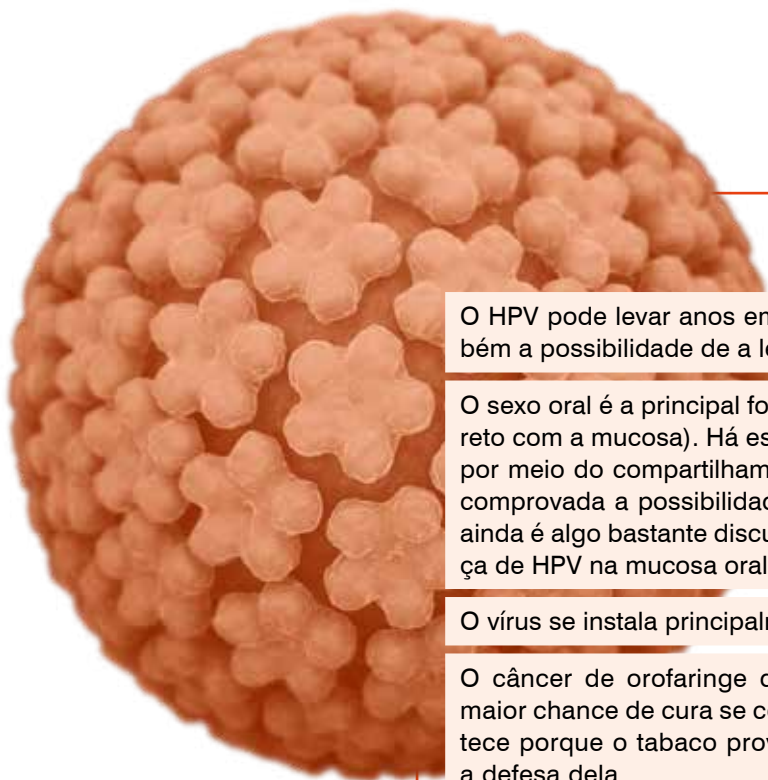
“Existe uma cultura de que a camisinha atrapalha o prazer do sexo oral e, por isso, poucos usam”

RAQUEL RICHELIEU, cirurgiã bucomaxilofacial

mais eficazes para descobrir o HPV nessa região [cabeça e pescoço]. Com isso, também fica mais fácil mensurar sua abrangência em cânceres de orofaringe”, avalia.

“Existe uma cultura de que a camisinha atrapalha o prazer do sexo oral e, por isso, poucos usam. Ainda não existem evidências de que o HPV em estado latente é transmissível, mas uma vez que a lesão existe, muitas vezes num tamanho em que não pode ser vista a olho nu, o risco de contaminação é muito alto”, alerta.

Ao contrário dos tumores de cabeça e pescoço relacionados com o cigarro, mais prevalentes em pacientes acima dos 60 anos, os tumores HPV positivos são mais comuns na população mais jovem, observa o oncologista clínico do A.C. Camargo Cancer Center Thiago Bueno de Oliveira. “No Brasil, estamos observando essa transição de haver uma proporção cada vez menor de tumores de cabeça e pescoço ligados ao cigarro, o que é uma boa notícia, pois eles são bastante agressivos em sua maioria. Já os HPV positivos, embora respondam bem às terapias na maior parte dos casos, podem ser refratários em outros. Portanto, entender o tipo de tumor é fundamental para determinar a abordagem terapêutica mais eficaz.” ■



Saiba mais sobre o HPV

O HPV pode levar anos em estado de latência até se manifestar. Existe também a possibilidade de a lesão nunca aparecer.

O sexo oral é a principal forma de transmissão do HPV pela boca (contato direto com a mucosa). Há estudos que indicam a possibilidade da transmissão por meio do compartilhamento de cigarros, caso a lesão já exista. Não está comprovada a possibilidade de contaminação por meio de objetos. O beijo ainda é algo bastante discutido, uma vez que não é muito frequente a presença de HPV na mucosa oral, porque na saliva existem substâncias protetoras.

O vírus se instala principalmente na base da língua ou nas amígdalas.

O câncer de orofaringe desenvolvido a partir da infecção pelo HPV tem maior chance de cura se comparado ao causado pelo tabagismo. Isso acontece porque o tabaco provoca mutação da célula, enquanto o HPV destrói a defesa dela.

A sobrevida em cinco anos de um paciente com câncer de orofaringe associado ao HPV chega a 80%.

As vacinas contra o HPV não previnem contra todos os subtipos de HPV. O método mais eficaz de prevenção da infecção pelo vírus continua sendo o uso da camisinha.